

LINGUÍSTICA HISTÓRICA

1. INTRODUÇÃO

1.1. MUDANÇA LINGUÍSTICA: A MUDANÇA EM TODOS OS NÍVEIS:

As línguas mudam constantemente; uma dada língua também varia muito dentro de si. Não obstante, isso não é sempre óbvio. Às vezes é preciso realizar complexas investigações estatísticas quantitativas para identificarmos as correlações que existem entre fatores não linguísticos e aspectos de variação linguística, ou seja, fonologia, morfologia, léxico e sintaxe.

A linguística histórica é o estudo desta mudança: o que mudou e como? quando ocorreu/ocorria? por quem e para que? Portanto, esta disciplina requer um conhecimento de todas as demais áreas da linguística (fonética e fonologia, semântica, sintaxe e morfologia, a sociolinguística variacionista, etc.), além de algum conhecimento de áreas técnicas específicas, p ex., o método comparativo e a reconstrução interna, a glotocronologia e a lexicostatística. Examinaremos um pouco de todas essas áreas durante este curso.

Na linguística histórica, como acabo de dizer, o enfoque principal é a mudança, especialmente na sua vertente *diacrônica*. Contudo, o interesse na diacronia não exclui a necessidade de conhecer processos sincrônicos, porque esses servem de ponto de referencia para examinarmos e analisarmos os dados fornecidos por etapas passadas das línguas, porque os fenômenos que ocorrem nas línguas hoje também são viáveis para serem aplicados para explicar fases antigas. Tal reconhecimento – de que as línguas antigamente não se comportavam de outra maneira do que as línguas atuais – constitui um pilar fundamental da linguística histórica que denominamos o *Princípio Uniformitário* ou o *uniformitarianismo* (o termo foi emprestado da geologia).

Naturalmente, a presença da mudança fica mais evidente ao examinarmos materiais que vêm de épocas cronologicamente mais distanciadas da nossa atualidade. Ao perscrutarmos um recorte sincrônico, em geral, reparamos, no máximo, pequenas diferenças diatópicas, diastráticas, diafásicas e diamésicas. Às vezes é possível detectar algumas variações diacrônicas, por exemplo, entre a linguagem de uma geração e outra, mas, para ter uma noção mais clara desse tipo de variação diacrônica, é melhor observarmos de um distanciamento maior, de alguns séculos, digamos, os quais nos proporcionam uma perspectiva privilegiada por haver decorrido uma proporção mais significativa de mudanças.

Todas as áreas de estrutura linguística podem sofrer alterações – nos sons (mudança fonológica), nas formas (a mudança morfológica), na ordem relativa dos itens e na sua tipologia (a mudança sintática) e no sentido e significado (mudança léxica ou semântica). Na linguística histórica, tipicamente, a ênfase é nas diferenças entre línguas situadas em momentos cronológicos distintos. Ao estudar as línguas do mundo, nos deparamos, porém, com diferenças entre as línguas ou linguagens faladas noutras localidades, tanto sincrônica- quanto diacronicamente. Referimo-nos a tais subdivisões de uma língua como *dialetos* ou *variedades* e a investigação das divergências entre os vários dialetos de uma língua é chamada *geografia dialetal* ou *dialetologia*. Pelo fato de a variação dialetal ser intimamente ligada à natureza e estrutura de grupos sociais, o estudo da geografia dialetal está incluído na área mais abrangente conhecida como a *sociolinguística*.

O estudo da variação linguística de lugar em lugar é um tema de grande interesse aos linguistas históricos, porque, às vezes, mudanças podem ser introduzidas numa língua conforme seus falantes adotem aspectos ou itens de outra língua. O processo de introduzir tais inovações é chamado de *empréstimos*. Os empréstimos de uma língua para outra(s) são relevantes porque tais fases de importação e exportação de vocábulos podem ser correlacionadas com fatores extralinguísticos, tal como o prestígio. Por exemplo, a palavra inglesa *career* (“carreira”) é de origem francesa. Em francês, a palavra *carrière* significa “hipódromo” ou “pista de corridas”; quando passou para o inglês, houve uma mudança de significado, porque os ingleses restringiram seu uso para referir-se aos seres humanos e daí veio a atribuição metafórica ao progresso profissional. O empréstimo ocorreu porque, durante a Idade Média, as classes altas da sociedade inglesa eram bilíngues em francês e inglês e, assim, muitas palavras e expressões francesas passaram para o inglês. Por outro lado, podemos seguir a ascendência linguística da palavra inglesa *full* para uma palavra presente no inglês antigo (também chamado o anglo-saxão) – também era *full*, no caso. Do inglês antigo podemos estender a história destas palavras às fases ainda anteriores, tal como o proto-germânico e o protoindo-europeu. Essas línguas são os antecessores reconstruídos das várias “dialetos” (lê-se “línguas”) germânicos, por um lado, e dos vários “dialetos” indo-europeus. Nessa língua, a consoante inicial era *p*, como em *πλενος* [*plenós*] (grego), *plenus* (latim) e *plein* (francês). Em português e em espanhol, embora ambas sejam “parentes” do francês como “filhas” do latim, este *pl-* inicial sofreu uma mudança que o transformou em *ch-* e *ll-* (*cheio* e *llo*, respectivamente).

Consequentemente, ao investigar a etimologia das palavras e estruturas, é possível construir um contraste entre os itens que são *nativos* ou autóctones (aqueles que descendem numa linha ininterrupta das mais antigas variedades ancestrais) e os itens *não nativos* que, em algum momento e por algum motivo, foram adotados de uma outra língua. Os termos nativos são absolutamente fundamentais para os processos de *reconstrução histórica*. As palavras portuguesas como *pleno* e *plenamente*, etc., são empréstimos do latim medieval adotados durante a Idade Média e, portanto, não constituem palavras propriamente nativas. O fato de que as palavras exibem um *pl-* inicial, e não *ch-* revela sua origem.

A dicotomia entre os vocábulos nativos e os não nativos é confirmada pela existência de *cognatos*. Esses são vocábulos “geneticamente” aparentados, p. ex., os paralelos que detectamos entre inglês *full*, alemão *voll*, islandês antigo *fullr* e gótico *fulls*. Atribuímos a presença de tais formas parecidas a serem derivadas de uma origem comum a todos, o proto-germânico. Ademais, uma comparação semântica mostra que esses adjetivos estão relacionados a certos verbos, tal como *fill* (inglês), *füllen* (alemão), *fylla* (islandês antigo) e *fulljan* (gótico), os quais compartilham o significado literal de “causar a estar cheio” (ou seja, “encher”). Se compararmos vocábulos noutras línguas indo-europeias com significados semelhantes, p. ex., *πολυς* [*polús*] “muito” (grego), *complere* “encher”, *completus* “cheio”, “completo” e *plus* “mais” (latim), deparamos com diferenças distintivas e sistemáticas das formas germânicas correspondentes. A comparação desses e de muitas outras formas nos permite identificar sua *etimologia* (o estudo da história de vocábulos individuais). No decorrer do processo, reconstruímos uma raiz ancestral, como **pel-* “encher”, neste caso (qualquer forma reconstruída hipotética é indicada por um asterisco), e procuramos estabelecer hipóteses sobre as relações de *cognação* entre as línguas e as eventuais mudanças nas línguas ancestrais que produziram as diferenças que observamos entre elas hoje. Por exemplo, por este método de reconstrução podemos reconstruir uma origem comum para todas as línguas

germânicas, neolatinas, celtas, eslavas, indo-iranianas, o grego, o albanês e o armênio (e duas línguas antigas extintas, o hitita e o tocário)!

Por exibirem padrões diferentes no que diz respeito à fonologia e a morfologia, é muito importante que discriminemos entre as palavras nativas e os empréstimos. Considere, por exemplo, como a inclusão de palavras como *barman*, *mouse*, *outdoor*, *Sputnik* e *skate* numa lista de termos como *bode*, *carro* e *casa* prejudicariam uma investigação da evolução do plural em português. Igualmente, a maioria dos verbos nativos ingleses são monossilábicos, p. ex., *fill*, *run*, *stamp*, *jump*, e podem ocorrer com advérbios preposicionais que alteram seu significado, p. ex., *fill up*, *fill out*, *fill in*, etc. Este fato destaca imediatamente outros verbos na língua que são polissilábicos, como *complete*, *deplete*, *delete*, *colonize*, etc. em que observamos afixos incorporados, como potencialmente suspeitos de serem empréstimos (que, de fato, são: do latim e das línguas neolatinas, principalmente, o francês).

Empréstimos podem ocorrer mais de uma vez ao longo da história de uma língua e podem ocorrer entre dialetos diferentes da mesma língua. Por exemplo, *cheio* X *completo*, *chão* X *plano*, *artículo* X *artigo* em português, e *wine* “vinho” (inglês) do protogermânico *wīn*, que veio à sua vez do latim *vīnum* “vinho” e, por outro lado, a palavra *vine* “videira” (inglês) < *vin* “vinho” e *vigne* “videira” (francês) (também, obviamente, nesse caso a origem final é *vīnum*). Tais pares de vocábulos derivados da mesma fonte são chamados de “alótropos”.

Observe como o símbolo “<” representa “vem de” ou “derivado de”. O símbolo oposto (“>”) indica “passa a ser” ou “vai a”. Note também, que a presença de duas palavras - *wine* e *vine* - que inicialmente significavam o mesmo “vinho”, provocou uma mudança semântica na referência de *vine* para evitar eventuais confusões decorrentes da homonímia, de modo que, hoje, esse vocábulo significa “a videira”, ou seja, “a planta que dá as uvas (das quais o vinho é feito)”, enquanto aquele, o mais antigo, aliás, mantém o significado original da bebida alcoólica feito do suco de uva fermentado. O fato de que o inglês medieval não distinguia entre os fonemas /n/ e /ñ/, que existiam em francês, provavelmente contribuiu para a confusão.

Alótropos como *wine* e *vine* também nos fornecem informações sobre a situação cultural no período em que os vocábulos foram introduzidos. Sabemos que comerciantes gregos e especialmente romanos levavam vinho para a Europa setentrional por volta do início da Era Comum. Trocavam o vinho por produtos da região, tais como peles, peliças, escravos e âmbar. Os germânicos pegaram emprestado o termo romano para se referir àquela bebida exótica, imitando a pronúncia dos romanos, ou seja, /wi:nu/ *vīnum* → /wi:n/ *wīn*. Uma seta (← ou →) indica “corresponde a”, ou seja uma relação *sincrônica*, enquanto expressamos uma relação *diacrônica* através de “<” e “>”.

Conforme a civilização mediterrânea avançava em direção ao norte e aspectos da sua cultura iam sendo adotados pelos habitantes autóctones, a videira foi uma das inovações introduzidas. Nesse meio tempo, o latim havia evoluído para o francês e uma das mudanças fonológicas que caracteriza este processo é a transformação de /w/ em /v/. Quando a produção e consumo de vinho se tornou mais comum na Inglaterra medieval, o termo adotado foi do francês que os nobres falavam. Ao associarmos as formas do vocábulo com as relações entre os romanos e os falantes de línguas germânicas, podemos inferir as diferenças na situação cultural. Inicialmente, apenas o produto da videira foi trazido, posteriormente, a própria planta foi introduzida.

As informações disponibilizadas pelas palavras e formas de uma língua suplementam outras fontes sobre a história antiga. Por exemplo, um outro empréstimo do latim para as línguas germânicas é a palavra para o ato de escrever. Em alemão, o

termo é *schreiben*, que vem de *scribere* “escrever”. O fato de que este verbo foi adotado nos informa que é altamente provável que os germânicos naqueles tempos não possuíam a tecnologia da escrita. Eles aprenderam dos romanos como escrever e tomaram o verbo latino junto com a prática.

Informação linguística dessa maneira também pode contribuir dados relevantes sobre culturas antigas. Por exemplo, a palavra ancestral para *ore* “minério” (inglês), *aes* “cobre”, “minério” (latim), *áyas* (sânscrito) é o vocábulo reconstruído protoindo-europeu *ayas* “metal”. Não conseguimos reconstruir palavras para os metais específicos na protolíngua, porque seus descendente não exibem formas cognatas, p. ex., *wās* (tocário) X *gold* (inglês/alemão) X *ouro* (< *aurum*) (português/latim) X *χρυσός* [*khrusós*] (grego) X *híranya* (sânscrito) X *zlato* (eslava eclesiástica antiga), etc., ou *iarn* (irlandês) X *ferro* (< *ferrum*) X *σιδερος* [*síderos*] (grego). Ou seja, é possível postular apenas uma distinção genérica entre o metal como substância que contrastava com a pedra. Consequentemente, concluímos que a comunidade ancestral que falava a língua protoindo-europeia estava numa fase de transição entre uma tecnologia neolítica, mas esta mudança tecnológica – em que os vários metais eram distinguidos: ferro, cobre, estanho, latão, zinco, ouro, prata, chumbo, bronze, aço, etc. se completou apenas depois que os dialetos individuais haviam se desenvolvido como línguas independentes, cujos falantes não tinham o mesmo grau de interação do que anteriormente.

A investigação das línguas para a informação que contêm sobre a cultura tem sido um fator importante nos estudos históricos durante os últimos dois séculos. Tais informações podem ser bastante sutis. Por exemplo, ao dirigir-se aos personagens nas suas peças e sonetos, Shakespeare utilizava os pronomes *thou*, *ye* e *you*; os dois primeiros ocorrem apenas em situações íntimas, tal como é o caso ainda no alemão (*du*, *Ihr* X *Sie*), para parentes e amigos. Na tradução da Bíblia ordenada pelo rei James I de Inglaterra, *thou* era usado para se dirigir a Deus. Pela ocorrência desses pronomes, podemos calcular as relações hierárquicas entre os personagens shakespearianos. Quando *thou* e as desinências correspondentes (*thou goest*, *thou eatest*, *thou art*, *thou leapest*, etc.), sabemos que as relações são informais. A seleção de pronomes, pois, fornece indicações relevantes para interpretar o significado. Ademais, a presença de pronomes numa língua para distinguir as relações sociais pode indicar-nos o grau de formalidade e hierarquização numa cultura. É interessante notar que, desde a Segunda Guerra Mundial, os falantes de sueco abandonaram uma distinção parecida à que existia no inglês do século dezesseis. O mesmo está ocorrendo em holandês também. Mudanças paralelas ocorreram nas línguas neolatinas.

1.2. A INTERPRETAÇÃO DOS SISTEMAS DE ESCRITA

Os linguistas costumam citar formas em alguma transliteração contemporânea. Eles se servem dos símbolos do alfabeto latino com algumas elaborações, em lugar dos símbolos nativos originais – não usam nem os alfabetos tradicionalmente utilizados para o gótico ou o grego, nem os caracteres do sânscrito (*devnagari*), nem os do japonês ou do chinês. Não obstante, sem o conhecimento do sistema de escrita utilizado para representar a língua que estudamos, não teríamos um meio adequado para interpretá-la. A letra grega “θ”, por exemplo, é transliterada regularmente com a sequência <th>; mas a consoante que representa era pronunciada como o [t^h] em inglês *taint* durante o período do grego clássico e, mais tarde, era pronunciada como o <th> do inglês *think*, *through* ou o <ce, ci> e <za, zo, zu> do espanhol peninsular padrão, p. ex., *cinco*, *cepillo*, *zanahoria*, *zorro*, *zurear*.

Mesmo que consigamos transliterar com precisão, pode ser que desconhecamos a pronúncia. Não sabemos, por exemplo, a pronúncia exata de muitas palavras góticas, tal como *ains* “um”, cf., *eins* de alemão. O gótico é transmitido num sistema de escrita baseado no sistema grego do século IV a.C. Nesse período, a sequência grega <ai> era pronunciada aproximadamente como a vogal <e> em *pétalo*, ou seja, [ɛ]. Não podemos ter certeza, no entanto, de que esse era seu único valor em gótico. Muitos linguistas opinaram que a vogal de *ains* era, de fato, um ditongo semelhante à vogal [aj], como *pairar*, ou *eins* em alemão. Ao decidir sobre a pronúncia, deve considerar-se outras informações. Os linguistas históricos deveriam poder tratar de tal informação concernente à documentação escrita quando eles se interessam pelo gótico ou por qualquer outra língua atestada em textos, senão suas conclusões sobre essas línguas poderiam ser mal fundamentadas.

As convenções de transliteração para sistemas de escrita como o alfabeto grego ou russo são padronizadas e interpretadas sem dificuldades. As transliterações para línguas como o chinês, contudo, geram problemas particulares com frequência. A antiga transliteração padrão, conhecida pelos nomes de seus criadores, Wade e Giles, utilizava símbolos que também precisam de interpretação. O sistema oficial atual é chamado *pinyin* e usa acentos gráficos para indicar os tons. O sistema Wade-Giles empregava números sobrescritos para expressar os tons: 1 = nivelado, 2 = subindo, 3 = caindo e subindo, 4 = caindo (em pinyin, os acentos correspondente são o macron <ā>, o acento agudo <á>, o acento *haček* <ǎ> e o acento grave <à>). Alguns símbolos do alfabeto latino foram adotados para sons chineses bastante diferentes dos valores que podemos atribuí-los. Quando tais formas são apresentadas, é bom indicar quais são esses valores “atípicos”, p. ex., <q> = [tʃ’], <p t k> = [p’ t’ k’], <j> = [dʒ], <r> = [ʒ], <ch> = [tʃ’], etc.

Os sistemas de escrita, igual às línguas, podem ser classificados conforme princípios gerais. Se um sistema de escrita contiver um número reduzido de símbolos que representam vogais e consoantes (até aproximadamente trinta unidades), é portanto, um sistema alfabético. Se o sistema contiver sessenta a cem símbolos, é provável que seja um silabário; embora alguns sistemas silábicos exibam uma quantidade menor de símbolos. Se, como a escrita chinesa ou os hieróglifos egípcios, o sistema contiver várias centenas – ou até mais – de símbolos, a probabilidade é alta de que se trate de uma escrita logográfica, ou seja, os símbolos representam palavras. ou morfemas. Um conhecimento dos princípios em que os sistemas de escrita se apoiam é fundamental para a decifração e interpretação de escritas desconhecidas.

1.3. LÍNGUAS APARENTADAS: A CLASSIFICAÇÃO GENEALÓGICA

A comparação de várias línguas levou os filólogos à presunção de que algumas línguas são parentes, ou seja, que elas descendem de um origem comum. Essa assunção foi confirmada em grande medida através da situação linguística na Europa Ocidental. Isso porque palavras comuns em francês, italiano, espanhol, português e algumas outras línguas exibem semelhanças e diferenças regulares. Compare, por exemplo, as palavras para “caro” e “campo”:

fr. <i>cher</i>	ital. <i>caro</i>	esp. <i>caro</i>	port. <i>caro</i>
fr. <i>champ</i>	ital. <i>campo</i>	esp. <i>campo</i>	port. <i>campo</i>

O [ʃ] de francês, escrito <ch>, corresponde sistematicamente ao [k], escrito <c>, nas palavras italiana, espanhola e portuguesa. Na base dessas correspondências

sistemáticas, concluímos que pelo menos algumas instâncias de [š] se desenvolveram de um [k] anterior por mudanças fonológicas. Nossa hipótese recebe apoio de outros exemplos, p. ex.:

“Candeia” = fr. *chandelle* ital., esp. *candela* lat. *candēla*

“Casa” = fr. *chez*¹ ital., esp. *casa* lat. *casa* “choça”, “barraca”.

Para confirmar que a mudança, de fato, ocorreu em francês e que não foram as outras três línguas que transformaram [k] em [š], procuramos palavras francesas em que [k] não mudou. Descobrimos tais palavras em:

“Escola” = fr. *école* ital. *scuola* esp. *escuela* lat. *schola*

Nesses casos, o [k] latino foi “protegido” da mudança por estar diante de [o], já que a mudança em francês ocorreu apenas diante de [a].

Após comparar essas e outras palavras, propomos regras para as equivalências fonológicas nas línguas aparentadas. Se expressarmos os elementos paralelos, as regras podem ser representadas da seguinte maneira (NB “=” significa “corresponde a”):

fr. [š] = ital. [k] = esp. [k] = port. [k]

(uma maneira alternativa de expressar esta relação seria com setas, ou seja, fr. [š] → ital. [k] → esp. [k] → port. [k])

Também é possível expressar as relações em períodos cronológicos diferentes e indicar as mudanças que ocorreram. Expressamos tais correspondências (às vezes chamadas de “regras”) assim:

lat. [k] > fr. [š], ital, esp. port. [k] ou fr. [š], ital, esp. port. [k] < lat. [k]

Podemos determinar correspondências parecidas para padrões morfológicos e sintáticos.

Pela identificação de muitas correspondências do tipo exemplificado acima, concluímos também que francês, italiano, espanhol, português, etc., são membros de um único grupo linguístico ou “família linguística”. O motivo das semelhanças é sua ascendência comum a uma língua anterior, o latim. Por meio de semelhantes comparações podemos relacionar outras línguas, propor que elas se desenvolveram de alguma outra língua anterior e classifica-las como pertencentes a uma família linguística específica. Esta identificação “genética” de famílias linguísticas é chamada de “classificação genealógica”.

Tais relações são pressupostas tanto à base da observação de diferenças sistemáticas como das semelhanças. Atenção ao sistema é essencial, porque é difícil de definir o que é semelhante e o que é diferente, até que analisemos o sistema de qualquer língua. O [š] francês é, de certa forma, uma indicação que merece maior confiança da relação de parentesco do que os sons inalterados do italiano, espanhol e português,

¹ A palavra genérica para “casa” em francês é *maison* (< lat. *mansiōnem* “mansão”). No entanto, o descendente da palavra latina *casa* é a preposição *chez*, que significa “em casa”, “para casa”, etc.

porque o [š] permite que o relacionemos aos [k] das outras línguas e do latim. Se examinarmos outras sequências do francês e do latim, como [sk], notamos semelhanças sistemáticas em ambientes específicos. Ademais, é comum que palavras que não exibem diferenças sejam empréstimos, tal como *Komputer* (alemão) versus *computer* (inglês). Por esses motivos, insistimos em estabelecer as relações à base das semelhanças e diferenças regulares.

A continuação, procuramos repetições tanto entre segmentos parecidos como em segmentos diferentes dos subsistemas da língua. Se basearmos as propostas de parentesco apenas em palavras semelhantes, podemos errar, pois podemos descobrir palavras parecidas em línguas que não são parentes, tal como *futebol* (turco) e *futobōru* (japonês), ambos dos quais são empréstimos do *football* inglês, ou *bad* “ruim” em farsi (persa moderno) e em inglês, que é uma casualidade (embora essas duas línguas, de fato, sejam parentes muito distantes na família indo-europeia). A linguística histórica começou a avançar de verdade quando os linguistas abandonaram a comparação de palavras avulsas que se pareciam de língua em língua e iniciaram a identificação de semelhanças e diferenças sistemáticas nos sistemas fonológicas, morfológicas e sintáticas, além de comparar os vocabulários das línguas que eles assumiam ser aparentadas.

As línguas que se desenvolveram do latim, geralmente conhecidas como as línguas neolatinas ou românicas, são de grande importância para os linguistas históricos porque elas nos fornecem tanto os materiais para a comparação como a língua anterior a partir da qual as línguas românicas evoluíram. Nas línguas neolatinas, problemas de comparação e de desenvolvimento estão disponíveis para serem solucionados e, no latim, essas soluções podem ser verificadas. Com a existência de uma tal verificação disponível, os linguistas históricos podem testar suas técnicas e procedimentos fundamentais, as quais foram desenvolvidos e refinados particularmente no trabalho com o grupo de línguas a que pertencem as línguas românicas e o latim, a família indo-europeia.

Em 1786, Sir William Jones, um juiz britânico na Índia, observou que o sânscrito, a língua culta antiga da civilização indiana, exibia semelhanças sistemáticas ao grego antigo e ao latim, a sua língua materna, o galês, e a formas mais antigas do inglês. Essa observação havia sido feita antes, sem produzir repercussões notáveis. Depois da asserção de Jones, contudo, estudiosos na Europa iniciaram comparações sistemáticas de formas antigas do inglês e do alemão com latim, grego antigo e com o sânscrito, além de várias outras línguas. Seus esforços ao longo do século XIX conduziram à classificação daquelas línguas na família indo-europeia e ao desenvolvimento da linguística histórica como uma disciplina. Da mesma maneira, outras famílias linguísticas foram identificadas. Por exemplo, o linguista húngaro Sámuel Gyarmathi propôs a base da família fino-úgrica em 1799.

1.4. A CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

Quando estudamos sistemas linguísticos, os linguistas constataam que as línguas exibem determinados padrões que correspondem ao *tipo* de língua. Tais configurações podem ser fonológicas, morfológicas, sintáticas, ou podem abranger todos esses subsistemas. A seguir, exemplificamos a tipologia linguística com alguns casos fonológicos e a sintáticas.

Muitas línguas têm consoantes vozeadas e desvozeadas (sonoras e surdas). Nas línguas que as tem, os pares $p : b$, $t : d$, $k : g$ são os mais frequentes, significativamente

mais prováveis do que pares de oclusivas posvelares. Ademais, se mais de uma consoante nasal for constatada numa língua que apresentar tais pares, m e n são mais frequentes do que η . Consequentemente, se encontrarmos η num sistema fonológico, podemos prever com confiança que essa língua também terá m e n .

Línguas como o português ou o inglês em que as sentenças declarativas normais colocam o verbo diante de seu objeto (línguas VO) tipicamente apresentam orações relativas que seguem seu antecedente. Por outro lado, línguas como o japonês, em que os objetos precedem o verbo (línguas OV), tipicamente exibem estruturas relativas que precedem os nomes que modificam (ou seja, o “antecedente” não antecede!). Além disso, o inglês e o português têm preposições, enquanto o japonês tem posposições. Deste modo, parece que os sistemas linguísticos são regidos por princípios gerais abstratos. Tais princípios são conhecidos como *universais*. A observação e classificação de sistemas linguísticos por tipo nos permite compreender padrões de mudança e oferece-nos modelos para reconstruir padrões anteriores na base de resíduos sobreviventes.

As classificações tipológicas e genealógicas são totalmente independentes. O hindu e o armênio, por exemplo, embora parentes distantes do português, são línguas OV, enquanto o francês, o grego moderno e o inglês são VO, igual que o português. Tais contrastes nos fornecem indicações relevantes sobre a história de cada uma dessas línguas, como veremos mais adiante. Essas diferenças, como outras características, são importantes de levar em consideração quando examinarmos as línguas atuais e do passado.

Se analisarmos as línguas para desvendar suas relações genealógicas ou para suas características tipológicas, precisamos de descrições e informações corretas sobre seu uso na sociedade de falantes. Tais informações sobre línguas que não se falam mais, como o hitita, ou sobre fases anteriores de línguas que ainda se falam, como o inglês antigo, depende de interpretações bem-fundamentadas dos textos que nos foram legados. Adicionalmente, precisamos interpretar os elementos dos textos em seu desenvolvimento; para realizar isso, os linguistas se servem de métodos específicos.

1.5. MÉTODOS USADOS NA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

1.5.1. O Método Comparativo:

Para interpretar dados na linguística histórica, dois métodos se destacam como particularmente importantes: o método comparativo e o método de reconstrução interna. Exemplificaremos o funcionamento do método comparativo por meio de uma análise de vocábulos selecionados de quatro línguas românicas: francês, italiano, espanhol e português. Ao examinarmos a palavra para “oito” nas quatro línguas,

fr. *huit* ital. *otto* esp. *ocho* port. *oito*

à primeira vista, poderia parecer difícil derivá-las de uma origem comum. Ao reunir mais exemplos, juntamos mais informação para a derivação e para explicar o desenvolvimento diferente que cada língua exhibe. Compare:

fr. *lait* ital. *latte* esp. *leche* port. *leite*
fr. *fait* ital. *fato* esp. *hecho* port. *feito*

Baseando nossas conclusões na observação de mudanças nas línguas, podemos reconstruir a forma anterior das palavras: **okto*, **lakte*, **factu*.

As reconstruções avançadas pelo método comparativo são corroboradas ao notarmos que, em latim, existem as seguintes palavras: *octō*, *lactem* (no caso acusativo) e *factum*, com o significado idêntico. Além disso, podemos explicar as mudanças nas quatro línguas e demonstrar sua regularidade intrínseca. Em francês e português a consoante oclusiva velar desvozeada [k] do latim foi absorvida pela vogal que a precede; em italiano, a [k] foi assimilado à oclusiva dental seguinte, gerando uma sequência *geminada* ([t:] ou [tt]); em espanhol, a [k] evoluiu para uma africada [č] e o [t] que a seguia desapareceu. Em quatro regiões geográficas diferentes, uma sequência originalmente idêntica se desenvolveu em quatro sequências distintas. Através da comparação de tais formas, o conhecimento de eventuais mudanças fonéticas e das formas mais antigas, podemos identificar as formas anteriores e as da maioria das formas em francês, italiano, espanhol e português.

O estudo das relações entre as consoantes oclusivas inglesas [f θ h b d g p t k] e as consoantes correspondentes nas outras línguas indo-europeias foi crucial para o desenvolvimento do próprio método comparativo. Nos primeiros tempos da linguística histórica, Jacob Grimm (1785-1863) constatou as relações sistemáticas entre essas consoantes. Após isso, as consoantes indo-europeias das quais elas se desenvolveram foram reconstruídas por meio do método comparativo. Listamos essas consoantes, exemplificadas principalmente por gótico e sânscrito (quando falta um cognato nessas línguas, outras são usadas):

PIE <i>p</i>	PIE <i>t</i>	PIE <i>k</i>
gót. <i>fadar</i> “pai”	gót. <i>prija</i> “três”	gót. <i>haurds</i> “porta, tapume [de vime]”
sâns. <i>pitā</i> “pai”	sâns. <i>tráyas</i> “três”	sâns. <i>kṛṇatti</i> “tece”

PIE <i>bh</i>	PIE <i>dh</i>	PIE <i>gh</i>
gót. <i>broþar</i> “irmão”	gót. <i>doms</i> “fama”, “fado”	ingl. ant. <i>gub</i> “batalha”
sâns. <i>bhrāta</i> “irmão”	sâns. <i>dhāma</i> “glória”	sâns. <i>ghnānti</i> “golpeam”

PIE <i>b</i>	PIE <i>d</i>	PIE <i>g</i>
Ingl. mod. <i>pool</i> “poço”	gót. <i>taihun</i> “dez”	gót. <i>kuni</i> “raça”, “parentes”
Lituano <i>balà</i> “pântano”	sâns. <i>dáśa</i> “dez”	latim. <i>genus</i> “parentes”

As relações sistemáticas entre

sânscrito <i>p t k</i>	germânico <i>f θ h/χ</i>	como também grego <i>p t k</i>
<i>bh dh gh</i>	<i>b d g</i>	<i>ph th kh</i>
<i>b d g</i>	<i>p t k</i>	<i>b d g</i>

foram propostas por Grimm em regras que posteriormente passaram a ser conhecidas como a Lei de Grimm. Pela relevância da lei de Grimm no desenvolvimento da teoria de linguística histórica, os dados serão debatidos em mais detalhe noutras aulas.

O método comparativo também pode ser exemplificado pela comparação de outras palavras, como os numerais de “um” a “dez” nalgumas das línguas indo-europeias (vide tabela 1.1). Os numerais em chinês e japonês, línguas não aparentadas com as indo-europeias, são incluídos para contraste.

Tabela 1.1. Numerais em línguas selecionadas

	<i>inglês moderno</i>	<i>gótico</i>	<i>alemão moderno</i>	<i>latim</i>	<i>grego antigo</i>	<i>eslavônico eclesiástico antigo</i>	<i>sânscrito</i>	<i>chinês moderno</i>	<i>japonês moderno</i>
1	<i>one</i>	<i>ains</i>	<i>eins</i>	<i>ūnus</i>	<i>heîs</i>	<i>jedinŭ</i>	<i>ekas</i>	<i>i¹</i>	<i>hitotsu</i>
2	<i>two</i>	<i>twai</i>	<i>zwei</i>	<i>duo</i>	<i>dúō</i>	<i>dŭva</i>	<i>dvā</i>	<i>erh⁴</i>	<i>futatsu</i>
3	<i>three</i>	<i>Þrija (acus.)</i>	<i>drei</i>	<i>trēs</i>	<i>treîs</i>	<i>trije</i>	<i>trayas</i>	<i>san¹</i>	<i>mittsu</i>
4	<i>four</i>	<i>fidwor</i>	<i>vier</i>	<i>quattuor</i>	<i>téttares</i>	<i>četyre</i>	<i>catvāras</i>	<i>ssu⁴</i>	<i>yottsu</i>
5	<i>five</i>	<i>fîmf</i>	<i>fünf</i>	<i>quīnque</i>	<i>pénte</i>	<i>pęti</i>	<i>pañca</i>	<i>wu³</i>	<i>ittsu</i>
6	<i>six</i>	<i>saihs</i>	<i>sechs</i>	<i>sex</i>	<i>héis</i>	<i>šestĭ</i>	<i>ṣat</i>	<i>liu⁴</i>	<i>muttsu</i>
7	<i>seven</i>	<i>sibun</i>	<i>sieben</i>	<i>septem</i>	<i>heptá</i>	<i>sedmĭ</i>	<i>sapta</i>	<i>ch'i¹</i>	<i>nanatsu</i>
8	<i>eight</i>	<i>ahtau</i>	<i>acht</i>	<i>octō</i>	<i>októ</i>	<i>osmĭ</i>	<i>aṣṭā</i>	<i>pa¹</i>	<i>yatsts</i>
9	<i>nine</i>	<i>niun</i>	<i>neun</i>	<i>nove</i>	<i>ennéa</i>	<i>devęti</i>	<i>nava</i>	<i>chiu³</i>	<i>kokonotsu</i>
10	<i>ten</i>	<i>taihun</i>	<i>zehn</i>	<i>decem</i>	<i>déka</i>	<i>desęti</i>	<i>dāśa</i>	<i>shih²</i>	<i>tō</i>

Ainda que uma explicação completa das semelhanças e diferenças entre as palavras nas primeiras seis colunas da tabela 1.1 precise de muito mais espaço do que dispomos aqui, podemos facilmente indicar algumas de semelhanças e diferenças consistentes, tal como o *t-* nas colunas 1 e 2 das palavras para “dois” e “dez” que correspondem a *d-* nas colunas 3 a 6. Por outro lado, as palavras chinesas e japonesas não deixam que extraíamos as mesmas correspondências com nenhuma das colunas. De fato, *tō* no japonês, como *ten* em inglês, apresenta um *t-* inicial, mas a palavra japonesa que corresponde a *two* em inglês, tem um *f-* inicial. Consequentemente, não podemos discernir semelhanças ou diferenças regulares entre o inglês e o japonês. O mesmo é o caso com o inglês e o chinês.

Podemos observar também a diferença sistemática entre o *a* de sânscrito e o *e-* latino e grego na primeira sílaba das palavras para “seis”, “sete” e “dez” (NB tal como o português). Uma análise de todas as semelhanças e diferenças entre as línguas indo-europeias de acordo com o método comparativo exigiu o trabalho de muitos linguistas durante os séculos XIX e XX e ainda não está terminada. Não obstante, ainda com tão pouca informação como os numerais de “um” a “dez”, podemos ter certeza de que o inglês, o gótico, o latim, o grego, o eslava eclesiástico antigo e o sânscrito pertencem a uma família linguística e que eles evoluíram de um origem comum.

1.5.2. O Método de Reconstrução Interna:

O método comparativo, como acabamos de mostrar, é o procedimento mais comum para investigar padrões mais antigos de uma língua. Se examinarmos os numerais japoneses citados na tabela 1.1, podemos identificar um outro procedimento, um que é especialmente útil quando não identificamos alguma língua aparentada. Se não utilizarmos nenhuma forma além das do japonês listadas acima na tabela, é possível deprender um padrão nesses numerais: o dobro dos números mais baixos começa com a mesma consoante do que sua metade, ou seja, *mi* “três” e *mu* “seis”, *yo* “quatro” e *ya* “oito”. Após detectar esse padrão, poderíamos presumir que as palavras para “um”

hi(to) e “dois” *fu(ta)* também tinham a mesma consoante inicial num momento no passado. Se compararmos palavras emprestadas do chinês antigo para o japonês, podemos descobrir confirmação dessa hipótese; a consoante inicial do japonês antigo está grafada <f> com frequência.

Esse procedimento é conhecido como a reconstrução interna. Tal como exemplifica o caso acima, padrões mais antigos são reconstruídos por meio de formas internas a uma língua. Diferentemente, o método comparativo usa formas tiradas de três ou mais línguas para a reconstrução. No caso do japonês, aplicamos o método de reconstrução interna forçosamente, porque as línguas que algumas pessoas afirmam ser aparentadas com o japonês não apresentam numerais que podem ser comparadas com o japonês. É preciso aplicarmos a reconstrução interna se quisermos reconstruir etapas anteriores de línguas que são elas mesmas reconstruídas. Quando fazemos isso, procuramos identificar formas canônicas ou típicas que preservam o padrão anterior, tal como é o caso dos primeiros dois grupos de números japonês citados acima.

1.5.3. A Aplicação desses Métodos à Linguística Indo-Europeia:

A origem comum das línguas indo-europeias era falada antes que a escrita fosse difundida em sua área geográfica e não dispomos de formas atestadas dela. Por meio da metodologia desenvolvida em parte no estudo das línguas românicas, os linguistas reconstruíram a língua indo-europeia “original” até o ponto que os dados o permitem. Com advertência de que essa língua é uma reconstrução e, portanto, hipotética e não atestada, utilizamos a denominação “proto” prefixada e referimo-nos a língua como “protoindo-europeu” (abreviado com frequência a “PIE”). Como foi mencionado acima, colocamos um asterisco (“*”) diante qualquer forma reconstruída ou não atestada. Contudo, sempre que usemos a abreviação “P[roto]” diante de um exemplo de alguma língua reconstruída, podemos omitir o asterisco, porque uma forma postulada como presente numa protolíngua é, pela própria definição, não atestada.

Se aplicarmos o método de reconstrução interna para postular formas anteriores ao protoindo-europeu (ou de qualquer outro idioma), referimo-nos a tais formas como sendo do *preindo-europeu*. Seja como for o período a que atribuímos as reconstruções, sempre procuramos tratá-las da mesma maneira do que as formas que sim foram atestadas. Por conseguinte, podemos citá-las em transcrição fonêmica, p. ex., PIE /penk^we/ “cinco” ou em transcrição fonética, p. ex., PIE [penk^we] “cinco”, ainda que, é comum não manter a distinção entre as representações fonêmica e fonética tão rigorosamente quando se trata de prelínguas e protolínguas, a não ser que seja estritamente necessário. Um exemplo de um caso em que o uso de transcrição fonética é relevante para uma protolíngua é a representação do fonema PIE /s/, que apresenta um alófono vozeado quando o fonema aparece diante de oclusivas vozeadas, p. ex., */nisdo- / [nizdo-] “ninho”.

Se compararmos as palavras para “dez” em todas as línguas indo-europeias, chegamos a reconstrução que apresentamos em seção 1.6 abaixo. Conseguimos reconstruir outras palavras também, tal como PIE /g^wōws/ “vaca”, à base de *cū* (inglês antigo), *bó* (irlandês antigo), *bōs*, *bovis* (latim), *βovς* [*boūs*] (grego), *guovs* (lituano), *gáus* (sânscrito), e assim adiante. Além disso, é possível reconstruir elementos morfológicos, tal como a desinência PIE [ti], de formas verbais para “é” em *εστι* [*esti*] (grego) e *asti* (sânscrito), e muitos outros verbos. Igualmente, é possível reconstruir padrões sintáticos dessas línguas antigas: já que o sânscrito antigo coloca o verbo ao final da oração, como também faz o protogermânico e o hitita, reconstruímos o PIE como uma língua OV. O PIE que reconstruímos trata-se de uma língua que era falada antes de 3.000

a.C. e, obviamente, não dispomos do mesmo tipo de dados dela do que os que temos para o latim. Não obstante, conseguimos identificar os elementos essenciais dos sistemas fonológico, morfológico e sintático do PIE, e conseguimos reconstruir parcialmente seu vocabulário.

1.5.4. A glotocronologia:

Embora o método de reconstrução interna possa ser aplicado nas línguas modernas, tanto para identificar aspectos que existiriam em etapas anteriores como para investigar as relações com outras línguas, grande proporção das línguas do mundo, tal como é o caso das línguas autóctones das Américas ou da Austrália, são tão diferentes entre si que o método comparativo não pode ser utilizado, pelo menos sem muito trabalho prévio. Visando identificar eventuais relações de parentesco, Morris Swadesh propôs em 1951 um terceiro método que ele chamava de “glotocronologia”. A teoria em que o método se apoia pressupõe que os segmentos quotidianos do léxico de todas as línguas são substituídos num ritmo regular. Ademais, a teoria de Swadesh sustenta que os vocábulos que são mantidos em línguas aparentadas pode ser utilizado para a datação de uma maneira parecida àquela em que a desintegração espontânea radioativa do isótopo carbono-14 é utilizada na datação de restos de matérias orgânicas. A velocidade da desintegração foi estabelecido pela investigação de línguas atestadas por um período de mil anos ou mais, tais como as línguas neolatinas em conjunto com o latim. Logo, essa razão foi aplicada a outras línguas.

No uso da glotocronologia, listas de cem a duzentos vocábulos são selecionadas das línguas que o investigador acredita serem potencialmente parentes e a proporção de palavras aparentadas (cognatos) é calculada, sem que se preste muita atenção a suas semelhanças. Por exemplo, *cow* (inglês) e *Kuh* (alemão) seriam suficientemente parecidos, mas *dog* e *Hund* não. O método foi aplicado com sucesso às línguas do Pacífico e da Austrália. No entanto, a glotocronologia não cumpriu as expectativas iniciais, porque as condições variáveis nas sociedades que usam as línguas provocam taxas de substituição variáveis. Sem embargo, especialistas em línguas atestadas somente na atualidade continuam a aplicar o método para conseguir algumas informações sobre as relações eventuais anteriores das línguas que investigam.

1.6. A MUDANÇA SONORA

Podemos explicar a diferença entre /dekm/ de PIE e /ten/ do inglês moderno se postulamos vários tipos de mudança no nível fonológico. O /d/ de PIE, mantido em *decem* (latim) e *dez*, passou a ser /t/ em protogermânico (PGmc); o /k/ PIE, que também persiste em latim, e que dá origem à fricativa final de *dez*, virou primeiro /χ/ em PGmc, e, mais tarde, /h/. O /m/ silábico final desenvolveu uma vogal que o precedia e, a seguir, se transformou em /n/. A vogal tônica /e/ se mantinha inalterada. No inglês antigo precoce, o /h/ (< /χ/ PGmc.) deixou de ser articulado entre vogais, embora este /h/ sobreviveu em *tehan* do saxão antigo (Sax. ant.) e *zehan* do alto alemão antigo (AAA) (> *zehn* “dez” do alem. mod.). Após termos notado essas mudanças, podemos relacionar precisamente /dekm/ de PIE e /ten/ do ingl. mod.

As línguas tipicamente sofrem mudanças em todos os sons parecidos de um fonema, tal como o caso de /d/ do PIE para /t/ do PGmc. Existem também mudanças que afetam apenas algumas palavras e, ademais disso, a mudança pode operar em somente algumas instâncias destes vocábulos. Por exemplo, a pronúncia coloquial do sintagma *would you* é [wudžə]. Falantes do inglês podem usar tanto essa pronúncia, ou a

mais formal [wud.ju]. Por não serem efetuadas em cada ocorrência de [d] seguido por [j], tais mudanças são conhecidas como *mudanças esporádicas*.

Para compreender mudanças do gênero de /d/ PIE > /t/ PGmc no étimo da palavra inglesa moderna *ten* ou a mudança de [dj] >[dž] em *would you*, é preciso ter algum conhecimento da fonética articulatória. Ambas essas transformações envolvem somente um traço dos sons em questão. /d/ PIE virou desvozeado em PGmc; [j] após [d] pode virar estridente em ingl. mod., tal como na pronúncia coloquial que citamos acima. A mudança sonora geralmente afeta um traço característico de um fonema por vez, seja a mudança afetar todos os sons de uma língua ou seja ela ser apenas esporádica.

As mudanças diacrônica são expressas na forma de regras. Na maioria das gramáticas históricas, tais correspondências são apresentadas conforme exemplificamos:

PIE *b d g* > PGmc *p t k*

ou seja, as oclusivas vozeadas do protoindo-europeu se converteram em oclusivas desvozeadas no protogermânico.

1.7. MUDANÇA MORFOLÓGICA E SINTÁTICA

Quando compararmos o plural *ships* /šips/ (ingl. mod.) com o plural correspondente *scipu* /šipu/ (ingl. ant.), não conseguimos explicar a diferença na desinência por mudança sonora. Antes, devemos concluir que a desinência do plural foi remodelada conforme o padrão observado em nomes como *stānas* “pedras”, cujo singular era *stān* “pedra” (ingl. ant.). Ou seja, a mudança não é de natureza fonológica, mas *morfológica*.

A investigação de até um segmento reduzido de uma língua nos leva à conclusão de que formas que são usadas de maneiras parecidas podem influenciar-se ou modificar-se mutuamente. De modo a exemplificar, quando comparamos a palavra do eslavo eclesiástico antigo (EEA) para “nove” com seus cognatos nas demais línguas indo-europeias, é lícito pressupor que, tal como essas línguas, em EEA, “nove” começaria com /n/. Descobrimos, porém, que, na realidade, a forma EEA para “nove” é *devęťi*. A mais simples explicação para o inesperado /d-/ inicial é de que foi adotado da palavra para “dez”, *desęťi*. Esse tipo de influência é chamada de *analógica*. Afirmamos que o termo protoeslavo para “nove” sofreu uma modificação por analogia com a forma para “dez”. Igualmente, podemos postular que a flexão *-s* que marca o plural de *ship* também foi difundida por analogia. Alteração desse tipo pode ser exemplificada por conjuntos de formas, como os numerais ordinais em inglês. Em inglês moderno, *fifth* “quinto” foi modificado da forma antiga *fift* por analogia com *fourth* “quarto”. Mudança por pressão analógica pode basear-se em padrões semânticos, tal como *devęťi* em EEA ou *fifth* em ingl. mod., ou a modificação pode resultar de paralelos sintáticos, como no caso dos plurais em *-s* em ingl. mod.

Mudanças ocorrem também na sintaxe, tal como a ordem de elementos em orações e sentenças. No poema épico *Beowulf* composto em inglês antigo, a maioria das sentenças terminam com o verbo; ou seja, o padrão básico do ingl. ant. era com o objeto direto antes do verbo. Nesse etapa, a língua era OV. A ordem sintática OV, no entanto, estava passando por uma modificação, porque no inglês médio, constatamos que os objetos seguem os verbos regularmente, como ainda é o caso no ingl. mod. Como veremos futuramente, a mudança de uma ordem OV para uma ordem VO foi

acompanhada por outras mudanças sintáticas, por exemplo, nas construções comparativas.

Além da mudança na ordem dos constituintes sintáticos, a língua inglesa perdeu muitas desinências flexionais. Por exemplo, o inglês antigo precoce ainda exibia alguns vestígios de um caso instrumental (o caso que indica o meio com o pelo qual algo foi feito). No inglês antigo tardio, as situações em que antigamente era empregado o caso instrumental foram substituídas pelo caso dativo. Por mudanças na qualidade das vogais finais, o caso instrumental não era mais distintivo e, assim, desapareceu como uma forma casual independente. Dessa maneira, mudanças sintáticas podem ser provocadas por mudanças fonológicas. Mais tarde ainda, na medida em que quase todas as desinências iam desaparecendo em inglês, o próprio caso dativo não era mais distintivo e a maioria de suas antigas funções passaram a ser expressas por preposições.

Como veremos em mais detalhe em outras aulas, a mudança sintática envolve modificações nas formas disponíveis para indicar categorias sintáticas. Grande parte das alterações é causada por mudanças internas, embora outras possam surgir pela influência de outras línguas.

1.8. A MUDANÇA SEMÂNTICA

Além da mudança sonora, morfológica e sintática, as línguas também sofrem mudança no significado dos vocábulos individuais. Por exemplo, na primeira linha da tabela em que apresentamos as consoantes indo-europeias, a palavra gótica *haurds* veio a significar “porta”, aparentemente porque algumas portas eram feitas de juncos ou vimes tecidos; o verbo de que a expressão foi derivada significava “tecer” ou “fiar”, como o cognato sânscrito na mesma tabela nos revela. O termo inglês que descende de *haurds* é *hurdle*. Hoje, o significado mais comum para *hurdle* é “barreira” no sentido esportivo. Porém, existe outro significado, mais antigo em que *hurdle* significa um tapume ou painel móvel de vime entrelaçado com que os pastores construía currais temporários para o gado ovino e caprino (esses constituía as primeiras barreiras nas corridas). A partir do momento em que seu significado passou a ser associado com o conceito de barreira, *hurdle* ganhou um significado metafórico abstrato de “obstáculo” genérico. As modificações semânticas foram afetadas por um lado, por mudanças culturais: quando as portas deixaram de ser tecidas; e subsequentemente, o significado foi influenciado por uma mudança interna, quando a palavra veio a ser usada principalmente em contextos em que se referia antes a atividades sociais e mentais do que atividades físicas.

A mudança semântica também pode afetar grupos de palavras, ou campos semânticos. Tiremos alguns exemplos na terminologia para membros da família. No inglês antigo, os anglo-saxões mantinham uma distinção conceitual entre os tios paternos, *fædera*, e os tios maternos, *ēam*. Essa distinção desapareceu, de modo que o sistema genealógico do inglês possui agora apenas um termo para todos os irmãos masculinos dos pais, *uncle* (no caso, trata-se de um empréstimo do francês). A referida mudança semântica, não obstante, não foi o resultado da importação de *oncle/uncle*, mas surgiu por uma mudança cultural. Na cultura germânica antiga, o tio materno ocupava uma posição importante e especial dentro da família; posteriormente, perdeu esse papel destacado e, conseqüentemente, não era mais necessário manter dois termos para distinguir os dois tipos de tio. Ademais, não podemos afirmar simplesmente que um vocábulo sofreu uma mudança de significado; antes, é preciso sustentar que uma característica significante foi modificada no sistema de parentesco. Assim, a mudança

semântica pode ser comparável a mudanças em conjuntos fonológicos ou morfológicos. Como veremos mais adiante, os linguistas históricos têm abordado a modificação do significado principalmente na sua relação com palavras individuais e não em termos do impacto em conjuntos semânticos. Consequentemente, nossa compreensão da mudança semântica é menos desenvolvida do que o conhecimento da mudança nas demais áreas.

1.9. EXPLICAÇÕES PARA A MUDANÇA

Além de identificar a mudança linguística, os linguistas procuram explicá-la. Muitas modificações linguísticas são superficiais. Por exemplo, quando a exploração do espaço virou um tema importante, novos termos foram introduzidos e o uso de ainda outros foi modificado. Tais modificações, no entanto, provocaram pouco efeito na língua. Nenhum padrão sonoro, nenhuma categoria sintática foi introduzida; a extensão no uso de certas palavras, tal como *pouso lunar* ou *ônibus espacial* não alteraram o sistema semântico das línguas que introduziram tal terminologia. Além disso, a palavra emprestada *Sputnik/esputinique*, aplicado pelos soviéticos para sua nave espacial e que significa literalmente “companheiro de viagem”, não trouxe nenhum som novo à língua portuguesa, embora tenha introduzido o morfema *-nik*. As tentativas de explicar mudanças em estruturas linguísticas não podem tratar simplesmente com semelhantes inovações superficiais; antes devem preocupar-se também com a mudança que afeta a estrutura central das línguas.

Três explicações primárias para a mudança têm sido propostas: (1) a influência de uma língua sobre uma outra, cujos resultados são designados empréstimos; (2) a aquisição imprecisa de uma língua pelas crianças; e (3) os efeitos do sistema ou dos sistemas de uma determinada língua em si mesma.

1.9.1. Os empréstimos são evidentes no vocabulário:

O inglês pegou emprestado muitas palavras do francês, do latim e do grego e adota facilmente palavras de outras línguas também. A medida em que os empréstimos impactam a sintaxe ou a fonologia, contudo, ainda não é conhecida. Através de falantes bilíngues, padrões sintáticos franceses como sintagmas em que o nome é seguido pelo adjetivo, p. ex., *attorney general*, foram emprestados. O português evidencia o fenômeno inverso, em que a ordem sintagmática inglesa foi transferida, p. ex., nomes justapostos como *X-burguer* ou *barman*. O bilinguismo generalizado pode facilitar a importação de colocações sintáticas de uma maneira mais extensa do que em algumas frases. No entanto, quando ordens ou sons estrangeiros ocorrem em palavras emprestadas, geralmente, eles sofrem modificações conforme os padrões da língua importadora, tal como *menu* ou *garagem* e outros empréstimos recentes do francês para o português e para o inglês. Sem embargo, um período mais longo de exposição à influência de uma outra língua pode levar a resultados diferentes.

Quando trata-se do emprestar, as atitudes dos falantes devem ser tomadas em conta. O português e o inglês, por exemplo, pegaram emprestados muitos vocábulos do francês, mas, com a exceção de alguns poucos períodos históricos, o alemão não seguia o mesmo rumo. Isso explica em grande medida algumas diferenças marcantes entre o inglês e o alemão modernos, embora ambos sejam parentes próximos na família germânica ocidental. Os sociolinguistas examinaram as atitudes de falantes no que diz respeito a características linguísticas específicas, tal como a pronúncia de /r/ posvocálico em palavras como *car* em Nova York (o mesmo vale para a articulação do

mesmo fonema em final de sílaba no português brasileiro). A imitação de modelos prestigiosos identificada pelos sociolinguistas poderá levar-nos a uma compreensão melhor de algumas modificações que ocorreram no passado. Se uma língua vizinha gozasse de bastante prestígio, uma língua importadora poderia sofrer modificações em seu sistema fonológico ou sintático, além de mudar aspectos de seu vocabulário.

1.9.2. A mudança também foi atribuída ao aprendizado imperfeito de uma língua por crianças:

Os defensores da teoria de que a mudança resulta da aquisição de linguagem precisam demonstrar quando e como tais padrões são adotados. Qualquer pessoa que observa as crianças aprenderem uma língua terá notado imprecisões na sua pronúncia, sintaxe e uso das palavras. No entanto, tais fenômenos tipicamente são eliminados na medida em que a criança cresce. Ademais, as estruturas dominadas imperfeitamente por uma criança podem diferir das que causam dificuldade numa outra criança. Portanto, é difícil estabelecer como um fato que tais padrões divergentes sejam adotados como inovações numa determinada língua. Especialistas na aquisição da linguagem já iniciaram as investigações detalhadas que linguistas como Jespersen e Meillet recomendaram há tempos.

1.9.3. A estrutura da própria língua como um sistema composto de vários subsistemas pode levar a si mesma à mudança:

Desde os primórdios da linguística histórica, pressupõe-se que as línguas eram sistemas. Os idiomas contêm subsistemas que podem provocar desequilíbrios entre si. Ademais, esses subsistemas nunca estão perfeitamente simétricos; tal falta de simetria pode ser atribuída à necessidade de abertura e receptividade para a expansão, ou para maior clareza na compreensão, especialmente no que diz respeito à fala. Se todos os nichos, tal como numa sequência como *ba-*, estivessem completos, não haveria redundância. Outras forças, como a dissimilação, foram propostas para explicar a ausência de algumas palavras. Por exemplo, não há vocábulos do tipo ***bab*, ***baf*, ***bav*, em inglês (o asterisco duplo indica que a existência da forma assim qualificada é negada), em que uma consoante labial (bilabial sonora ou fricativa surda ou sonora) fecha uma sílaba que começa com uma oclusiva bilabial vozeada. Não parece existir nenhuma razão evidente que justifique a ausência de uma palavra com essa estrutura; e, se surgisse uma situação que justificaria sua criação e inclusão, ou se fosse inventada para fins de propaganda, por exemplo, qualquer um daqueles vocábulos poderia ser introduzido.

A falta de simetria nos subsistemas e os esforços para superá-la podem ser exemplificados por um estudo das nasais inglesas. O inglês possui três nasais que ocorrem em posição final de sílaba, como depreendemos nos exemplos *bam* /bæm/, *ban* /bæn/ e *bang* /bæŋ/, mas só dois nasais que podem ocorrer no início de uma sílaba, p. ex., *man* /mæn/ e *nan* /næn/ (ou seja, ***ngan* /ŋæn/!). Antigamente, em todas as posições silábicas, somente /m/ e /n/ apareciam. Naqueles tempos, o nasal velar era apenas uma variante alofônica do fonema /n/(ou seja, [ŋ]) que surgia quando /n/ era seguido por uma consoante velar, como /k/ ou /g/, tal como constatamos em *stronger* [strɒŋ.gə(r)] (a forma simples desse adjetivo, *strong*, era pronunciado [strɒŋ], i.e., /strong/, como ainda é hoje nos acentos setentrionais do inglês).

O desequilíbrio no sistema de fonemas nasais surgiu quando o /g/ final em palavras como *strong* parou de ser pronunciado, embora sua influência, na forma da articulação velar do nasal imediatamente anterior, tenha permanecido. Isso permitia que [ŋ] entrasse em contraste com /m/ e /n/ em posições finais, convertendo-o num fonema independente. A elevação do nasal velar de um alofone [ŋ] para um fonema /ŋ/ regularizou o sistema de consoantes oclusivas do inglês:

	bilabial	alveolar	velar		bilab.	alv.	vel.
desvozeado	p	t	k	>	p	t	k
vozeado	b	d	g	>	b	d	g
nasal	m	n	-	>	m	n	ŋ

A simetria resultante está restringida às posições média e final, onde o alofone ocorria. Por motivos óbvios, o alofone velar não podia ocorrer no início de uma palavra.

Além disso, a nova pronúncia de *strong* como [stroŋ], em lugar de [stroŋg], produziu uma irregularidade na formação do grau comparativo: diferentemente de formas regulares como *fine : finer*, *tame : tamer*, o adjetivo *strong* “acrescenta” uma consoante velar sonora – [g] – ao formar o comparativo para gerar *stronger* [stroŋgə(r)]. Deste modo, depreendemos que um processo de regularização num nível linguístico pode causar irregularidade num outro nível de análise estrutural.

Os efeitos da sistematização estão especialmente evidentes na morfologia, como nos verbos ingleses, por exemplo. Verbos irregulares, como *hide – hid – hid* (“esconder, – eu, –ido”) chegaram a distinguir somente o presente (*hide*), por um lado, do pretérito e particípio (*hid*), pelo outro, como os verbos regulares, p. ex., *like – liked – liked* (“gostar, – ou, –ado”). Apenas um conjunto reduzido de verbos continuam a manter três formas distintas, como *sing – sang – sung* (“cantar, –ou, –ado”), por exemplo, e somente um único verbo exhibe duas vogais diferentes no pretérito: *was : were* (“fui/foi” : “fomos/fostes/foram”), e isso ainda é mantido apenas em algumas variedades do inglês; muitos dialetos já nivelaram o paradigma a favor de uma das alternativas.

É interessante notar que não podemos tirar a conclusão deste exame de uma língua (o inglês) de que as irregularidades nos sistemas de todas as línguas estão sendo eliminadas constantemente. No entanto, no italiano, uma língua que apresenta um sistema de nasais igual ao do inglês medieval, não desenvolveu (ainda!) um fonema separado, /ŋ/. Igualmente, os verbos irregulares no alemão continuam mais complexos do que os do inglês. Pelos vários efeitos diferentes do sistema de língua em língua, não podemos atribuir a mudança linguística simplesmente a uma tendência a simplificar ou eliminar as irregularidades sistêmicas. É evidente que as complexidades que parecem quase insuperáveis aos falantes não-nativos, tal como a harmonia vocálica do turco, ou como os plurais nominais “fraturados” do árabe, podem ser assimiladas pelas crianças com pouquíssimo esforço. Uma vez dominadas, tais aparentes complexidades são mantidas na linguagem dos falantes adultos dessas línguas. Por outro lado, parece que complicações linguísticas de qualquer tipo tendem a ser abandonadas quando falantes já adultos tentam adquirir uma segunda língua. Exemplos disso são atestados nos pidgins .

1.9.4. As implicações de uma melhor compreensão da mudança:

O debate acima pode indicar que as causas de mudança linguística são extremamente complexas, como também são noutras instituições sociais. Uma investigação detalhada das mudanças individuais sobre as quais possuímos bastante

informação, tal como a pronúncia do /-t-/ do inglês americano em palavras como *butter* “manteiga”, *bottle* “garrafa”, *bottom* “fundo”, permite-nos compreender melhor como as línguas mudam em termos fonológicos. Um trabalho realizado por R-M. S. Heffner (1949: 129-30) listou as características do /t/ em palavras como nos exemplos acima, observando que, entre outras coisas, era muito breve. O vozeamento residual foi mantido durante sua realização; o /-t-/ medial, pois, passou a ser sonoro em lugar de surdo. É preciso realizar investigações semelhantes de mudanças morfológicas, léxicas e sintáticas específicas.

Através de informações sobre a mudança, conseguimos explicar as formas linguísticas com as quais nos deparamos hoje, particularmente aquelas formas que são irregulares. Entendemos o porque das variações vocálicas em *mouse : mice*, *goose : geese*, *man : men*, por exemplo, ao notar as formas ancestrais no inglês antigo e no pré-inglês antigo. Se considerarmos as formas *write : write : written* ou *sing : sang : sung*, entendemos as forças e pressões que atuam nelas quando investigamos vocábulos aparentados noutras línguas indo-europeias e no próprio PIE. Compreender a estrutura fonológica, morfológica, sintática e semântica de qualquer língua por semelhantes comparações é uma meta importante para a linguística histórica.

Ademais, ao investigarmos as línguas à procura das mudanças que tenham sofrido, podemos estabelecer sua história e suas inter-relações com outras línguas. Esse conhecimento pode ser suplementado com as informações de descobertas arqueológicas. Após aproximadamente duzentos anos de investigação, o desenvolvimento da maioria das línguas na família indo-europeia é bastante conhecido. A evolução de outras famílias linguísticas não está tão completa, em parte porque faltam dados, especialmente dos períodos históricos mais antigos. Um outro fator que tem contribuído a essa situação é o fato de que os linguistas têm se interessado principalmente em estabelecer a evolução histórica de suas próprias línguas maternas, as quais, com poucas exceções, são membros de algum ramo da família indo-europeia!

O sucesso das investigações linguísticas de natureza histórica depende em grande medida do estado da linguística descritiva. A linguística histórica indo-europeia se desenvolveu rapidamente durante o século XIX porque descrições profundas e completas estavam disponíveis para o latim, o grego e o sânscrito. Modelando-se nessas descrições, linguistas produziram gramáticas sobre as demais línguas antigas da família: o gótico, o eslavo eclesiástico antigo, o irlandês antigo, o avestão, o islandês antigo e o alto alemão antigo, e mais tarde para as línguas indo-europeias restantes, como o armênio e o albanês. Por não haver descrições igualmente detalhadas sobre as muitas outras línguas que pertenciam a outras famílias linguísticas, a gramática histórica dessas famílias está menos conhecida e num estado menos avançado do que a gramática histórica do indo-europeu.

Progresso recente em muitas subáreas da linguística prometem maior discernimento sobre o desenvolvimento das línguas. A compreensão da fonologia foi aumentada pela análise instrumental dos sons e pela análise pelos traços distintivos. Investigações sintáticas e semânticas detalhadas também foram realizadas. Adicionalmente, a investigação da tipologia aprofundou nosso conhecimento dos sistemas linguísticos existentes e possíveis e de suas componentes. Conseqüentemente, dados que ficavam sem explicação podem ser elucidados.

Explicações e descrições ainda mais abrangentes, completas e detalhadas de línguas individuais e das famílias linguísticas levarão ao melhoramento das teorias de linguística histórica e à maior sofisticação nas técnicas analíticas utilizadas pelos linguistas históricos. Ao estabelecerem as famílias linguísticas, como também ao

formular os princípios para investigar a mudança, os linguistas históricos têm se servido em grande medida de dados tirados da família indo-europeia. Concomitantemente, a linguística indo-europeia ocupa um papel preponderante na disciplina, como também fará neste curso.